

EXPRESSÕES DA PANDEMIA: METAMORFOSES E POSSIBILIDADES DE MULHERES MIGRANTES

■ SUÉLEN CRISTINA DE MIRANDA

<https://orcid.org/0000-0003-4146-0006>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

■ DIANE PORTUGUEIS

<https://orcid.org/0000-0002-8347-2761>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

O desenvolvimento deste artigo baseia-se nos pressupostos da Psicologia Social Crítica, comprometido com a realidade brasileira e com a práxis cotidiana, considerando a singularidade do indivíduo enquanto manifestação de uma totalidade histórico-social. Tem por objetivo compreender as particularidades históricas, sociais e políticas que definem o “outro” na sociedade patriarcal capitalista e as transformações advindas com as novas determinações pandêmicas, partindo do fenômeno migratório feminino, enquanto experiência que evidencia tais contradições e metamorfozes. Adota a metodologia de narrativas de histórias de vida para reconhecer os sentidos atribuídos pelos sujeitos e as (im)possibilidades de emancipação que se configuram na análise de depoimentos de duas mulheres migrantes, uma peruana no Brasil e uma brasileira na Alemanha. Os resultados ponderam as metamorfozes da metamorfose humana e a configuração de uma situação ambivalente, que pode conduzir tanto à paralização e à mesmice, como resultar em crescimento do Eu, ao propiciar a interrupção da reposição cotidiana irreflexiva, a apropriação crítica das determinações exteriores e a busca pela autodeterminação. Demonstram, assim, que uma prática política precisa considerar a dialética entre pensamento histórico e pensamento utópico, enquanto projeto alternativo de vida, construído em articulação às determinações objetivas.

Palavras-chave: Identidade. Alteridade. Migração. Narrativas de histórias de vida. Covid-19.

ABSTRACT

PANDEMIC EXPRESSIONS: METAMORPHOSES AND POSSIBILITIES OF MIGRANT WOMEN

The development of this article is based upon the presuppositions of

the Critical Social Psychology, compromised with the Brazilian reality and the everyday praxis, considering the singularity of the individual as a demonstration of a historical-social totality. Its objective is to understand the historical, social, and political particularities that define the “other” in capitalist patriarchal society and the transformations resulted with the new pandemic determinations, from the feminine migratory phenomenon while experiencing that evidences such contradictions and metamorphoses. It adopts the methodology of life stories narratives to recognize the senses attributed by the subjects and the (im)possibilities of emancipation that are shaped in the analysis of testimonies of two migrant women, a Peruvian in Brazil and a Brazilian in Germany. The results consider the metamorphoses of human metamorphosis and the configuration of an ambivalent situation that can lead both paralysis and sameness, as well as result in the growth of the Self, by providing the interruption of irreflexive everyday replenishment, the critical appropriation of external determinations and the search for self-determination. Thus, they demonstrate that a political practice needs to consider the dialectic between historical thinking and utopian thinking as an alternative life project constructed in articulation with objective determinations.

Keywords: Identity. Alterity. Migration. Life stories narratives. Covid-19.

RESUMEN

EXPRESIONES PANDÉMICAS: METAMORFOSIS Y POSIBILIDADES DE LAS MUJERES MIGRANTES

El desarrollo de este artículo se basa en los presupuestos de la Psicología Social Crítica, comprometidos con la realidad brasileña y con la práctica cotidiana, considerando la singularidad del individuo como una demostración de una totalidad histórico-social. Su objetivo es entender las particularidades históricas, sociales y políticas que definen al “otro” en la sociedad patriarcal capitalista y las transformaciones derivadas de las nuevas determinaciones pandémicas, partiendo del fenómeno migratorio femenino como una experiencia que evidencia tales contradicciones y metamorfosis. Adopta la metodología de narrativas de historias de vida para reconocer los sentidos atribuidos por los sujetos y las (im)posibilidades de emancipación que se forman en el análisis de testimonios de dos mujeres migrantes, una peruana en Brasil y una brasileña en Alemania. Los resultados consideran las metamorfosis de la metamorfosis humana y la configuración de una situación ambivalente, que puede conducir tanto a la parálisis, como resultar en crecimiento del Yo, proporcionando la interrupción de la reposición cotidiana irreflexiva, la

apropiación crítica de las determinaciones externas y la búsqueda de la autodeterminación. Así, demuestran que una práctica política necesita considerar la dialéctica entre pensamiento histórico y pensamiento utópico, como un proyecto de vida alternativo, construido en articulación con determinaciones objetivas.

Palabras clave: Identidad. Alteridad. Migración. Narrativas de historias de vida. Covid-19.

Introdução

O desenvolvimento deste artigo¹ baseia-se nos pressupostos da Psicologia Social Crítica e, como tal, compromete-se com a realidade brasileira e com a práxis cotidiana, considerando a singularidade do indivíduo enquanto manifestação de uma totalidade histórico-social. Elucida, assim, a relação dialética que pressupõe o sujeito – enquanto coletividade – como produto e produtor da sociedade em que vive, em um sistema complexo e multideterminado que está em constante movimento (LANE, 1989).

Nesse sentido, corrobora com Ciampa (2005) quando este defende o estudo da identidade como questão central para a Psicologia, em uma perspectiva que ultrapassa os interesses meramente acadêmicos ou científicos a partir do momento que se configura como uma questão social, política e ideológica. Mais do que isso, rompe com a concepção essencialista de identidade enquanto algo fixo e imutável, que apenas reproduzia os interesses dominantes de manutenção do *status quo*, para pensá-la a partir do sintagma que define a identidade enquanto metamorfose em busca de emancipação.

Nessa abordagem, a subjetividade é sempre compreendida a partir da sua articulação com a objetividade da natureza, a normatividade da sociedade e a intersubjetividade da linguagem. A identidade se apresenta como um constante devir, resultado da contínua di-

nâmica dos processos de socialização e individuação, ou seja, do nexo que se estabelece entre a diferenciação social – na qual uma ordem natural, social e cultural específica é mediatizada para o sujeito por outros significativos – e a individuação progressiva – na qual o sujeito vai construindo uma história de vida consciente de si.

Essa lógica materializa a metamorfose humana, aqui “[...] entendida como a progressiva e interminável concretização histórica do vir-a-ser-humano, que sempre se dá como superação das limitações das condições objetivas” (CIAMPA, 1997, p. 1). Isso significa dizer que esse processo identitário também se metamorfoseia continuamente, quando se alteram as determinações históricas e sociais. Assume-se, com isso, o compromisso político de analisar a realidade para compreender as metamorfoses da “metamorfose humana”, reconhecendo as possibilidades e as impossibilidades de emancipação nas sociedades contemporâneas e os meios de superação das situações de desigualdade, opressão e heteronomia.

Tais constatações epistemológicas evidenciam a impossibilidade metodológica de se buscar a generalização dos dados, uma suposta totalidade ou verdade aplicável a todos. Pelo contrário, o interesse crítico está em acessar a singularidade identitária pela lógica negativa do seu estudo, considerando a particularidade histórica, social e política como determinante para a materialização de elementos da univer-

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

salidade do humano – expressa nas infinitas possibilidades, que se concretizarão em menor ou maior grau a depender das condições objetivas.

Para tanto, o método primordial utilizado nas pesquisas em identidade é a chamada “narrativa de história de vida”, assim denominada pelo foco da análise ser a narração em si e os diferentes sentidos atribuídos pelo sujeito (LIMA; CIAMPA, 2017).

Solicitar que uma pessoa seja narradora de sua própria história pressupõe colocá-la numa situação de protagonismo e exercício de autonomia. Ao falar de si e de seu entorno, o sujeito/autor da narrativa posiciona-se enquanto ator/personagem, em episódios cujos enredos são tecidos na legitimidade dos sentidos que lhes atribui frente significados sociais que defende ou questiona. (ANTUNES, 2012, p. 73).

A narração performa a identidade, articulando passado-presente-futuro por meio do desvelamento de conflitos, rupturas, reconstruções, desejos, projetos e a proposição de novas possibilidades. Viabiliza, assim, a transformação dos narradores e de seus contextos, pois ao denunciar as contradições sistêmicas, opõe-se à massificação e apreende alternativas que vislumbrem fragmentos emancipatórios, demonstrando a capacidade do ser humano de superar as imposições, construindo novas realidades para si e para o entorno (LIMA; CIAMPA, 2017).

Todas essas questões ganham relevância e novos contornos com a pandemia de Covid-19, doença de alta transmissibilidade cujo quadro clínico envolve uma grande maioria assintomática ou com sintomas leves e moderados de resfriado (80%), enquanto o restante dos casos pode apresentar dificuldade respiratória com necessidade de atendimento hospitalar, sendo que 5% destes pode demandar suporte ventilatório e 2% vir a óbito (BRASIL, 2021). A principal estratégia encontrada pelos órgãos de saúde

para diminuir o contágio foi o distanciamento social, resultando na suspensão das atividades não essenciais em quase todos os países e exigindo adaptações das mais diversas ordens.

Nesse sentido, é mister que as alterações geradas pela situação da pandemia mudam significativamente cursos de vida, trajetórias e projetos, escancarando situações que, se outrora não vistas, não mais se escondem. A exemplo de Bilbao (2020), tratam-se de perguntas que sempre existiram: as desigualdades de classe, violência de gênero, a saúde como direito, ou mesmo o privilégio de se ter uma casa própria. A questão que cabe, então, não é sobre o dano causado pelo vírus, mas o dano social que o vírus desvela. Nessa teia, busca-se exaltar o lugar da migração no contexto de exceção ou novo normal (SANTOS, 2020) provocados pela pandemia, trazendo luz às mulheres migrantes.

O portal jornalístico Brasil de Fato apresenta as mulheres como as mais afetadas pela pandemia do novo coronavírus, sobretudo quanto ao impacto econômico, pois “[...] são majoritariamente o grupo social que está em empregos mais precários e informais, ou aquelas que sobrevivem com até um salário mínimo, de aposentadoria, de trabalhos domésticos ou prestadoras de serviço” (OLIVEIRA, 2020, s/p.). Destaca, ainda, a maior sobrecarga durante a quarentena das chefes de famílias e o maior risco de vulnerabilidade para as mulheres indígenas, negras e imigrantes.

No que tange às mulheres migrantes, há uma condição especialmente vulnerável considerando-se aspectos da estrutura social, envolta pelo machismo e o patriarcado, já que “[...] a estratificação patriarcal de gênero faz com que a mulher tenha de se adaptar cabalmente ao projeto migratório do marido [ou] de quem depende econômica e ideologicamente” (LUSSI; MARINUCI, 2007, p. 13). Estas, quando em trânsito, em geral estão afastadas das fa-

mílias, dos filhos. Assumem trabalhos precários, sem documentação adequada, podendo ainda ser vítimas de atividades em condições análogas à escravidão.

Seguindo esse raciocínio, Cintra, Grugel e Riggiozzi (2020) debatem sobre a Covid-19 e a ameaça à saúde e aos direitos de mulheres migrantes na América Latina, explicitando que muitas delas atuam no setor informal, sem proteção social e assumem responsabilidade de cuidado de crianças e outros membros de sua família. Argumentam como estas são esquecidas pelas políticas públicas, ficando em último lugar na escala de cuidados e atenção básica:

Essas mulheres e meninas em geral enfrentam maiores riscos relacionados à violência, intimidação, tráfico de pessoas, abuso, estupro, assédio sexual, bem como situações de discriminação e de estigmatização, além de sofrerem com barreiras linguísticas, exclusão social, pobreza e devido a diferenças socioculturais. Tais riscos podem ser ainda mais amplos devido às restrições de viagem internas e externas, às dificuldades de acesso a serviços de saúde e a medicamentos em zonas fronteiriças e de abrigo, assim como devido à falta de documentação (s/p).

Nesse sentido, os autores ressaltam que as mulheres já não tinham acesso integral aos seus direitos, mesmo antes da pandemia, contestam a naturalização da violência de gênero e a invisibilização das populações migrantes como algo permanente, sendo assim incorreto afirmar que a Covid-19 seja a principal razão da dificuldade e alteração de uma pretensa normalidade. A pandemia veio a revelar o *status* desumano que orienta suas vidas (CINTRA; GRUGEL; RIGGIROZZI, 2020).

Diante desse cenário, este artigo tem por objetivo compreender as particularidades históricas, sociais e políticas que definem o “outro” em nossa sociedade patriarcal capitalista e as respectivas transformações advindas com

as novas determinações pandêmicas. Para tanto, parte do fenômeno migratório enquanto experiência que evidencia tais contradições e maximiza a vivência das metamorfoses da metamorfose humana, para expor a particularidade cotidiana enquanto impossibilidade de homogeneização da categoria “migrante”, cuja singularidade sempre será multideterminada pelas variáveis interseccionais de gênero, classe, raça/etnia e nacionalidade.

Sendo assim, objetiva reconhecer os atravessamentos objetivos e as possibilidades – ou impossibilidades – de emancipação que se configuram na análise de depoimentos de duas mulheres migrantes, uma peruana no Brasil e uma brasileira na Alemanha. Vale ressaltar que, por conta da especificidade dessa proposta, serão selecionados trechos que contribuam para compreender, direta ou indiretamente, as transformações provocadas pela Covid-19².

Identidade x alteridade, imunidade x comunidade: quem é o “outro” em tempos de pandemia?

Na perspectiva aqui adotada, considera-se a identidade enquanto articulação da diferença e da igualdade, que coloca em jogo o reconhecimento de cada um e de todos, por meio da reciprocidade e do respeito pela alteridade (CIAMPA, 2004, 2005). Nesse ínterim, é preciso discorrer sobre a constatação de que a pandemia viral ampliou as fronteiras da dialética eu/outro, quando qualquer pessoa passou a ser considerada potencial transmissor da ameaça invisível. Isso ganha particular relevância ao considerar que a sociedade patriarcal ca-

2 Os depoimentos integram narrativas de história de vida de duas pesquisas em desenvolvimento e atendem a todos os cuidados éticos pertinentes as pesquisas com seres humanos.

pitalista se edificou por meio de valores que tratam a diferença como uma ameaça a ser combatida ou controlada. Ademais, a ênfase no individualismo em detrimento da coletividade, coordenada pelo controle econômico e burocrático, estabelece o reconhecimento do “ter” ao invés do “ser”.

Mbembe (2014) esclarece que essa lógica de produção da exclusão e da indiferença tem íntima relação com a escravidão, na qual a identidade do outro não é reconhecida a partir do pertencimento mútuo a mesma comunidade humana, mas sim a partir da autorreferência de ser, constituindo camadas estigmatizadas de subalternidade – com os personagens sociais dos negros, das mulheres, dos imigrantes, entre outros. Apoiada em sistemas de legitimação e poder, essa produção de pessoas “sobrantes” foi sendo reforçada e atualizada, ganhando novos ares com o neoliberalismo e a transformação dos indivíduos em consumidores “descartáveis”, destituídos de sua valorização na esfera pública enquanto cidadãos e sujeitos de direitos.

Todo esse cenário foi colocado em xeque por um vírus essencialmente democrático, passível de contaminar a todos, que escancara a fragilidade humana e confronta os sujeitos com sua incapacidade de combater o “inimigo”. Contudo, se o vírus em si não discrimina, a desigualdade social e econômica sob a qual nossa sociedade foi construída assegura que isso aconteça, perpassada pelo nacionalismo, racismo, xenofobia, machismo e outras formas de opressão e heteronomia que modelam o encontro com a alteridade (BUTLER, 2020). É assim que a pandemia escancara a seleção social necropolítica sob a qual a modernidade se edifica, produzindo sub-humanos cujas vidas podem ser descartadas.

Necropolítica, lembremos, é um termo cunhado por Achille Mbembe que aponta não apenas uma política que gerencia o direito de matar,

mas também o direito de expor outras pessoas - incluindo os próprios cidadãos de um país, como ocorre agora com muitos trabalhadores - a morte, forçando, em muitos casos, alguns corpos a permanecer entre a vida e a morte. (MANRIQUE, 2020, p. 150-151, tradução nossa).

A autora denuncia a falácia do *slogan* utilizado no combate a Covid-19 em quase todos os discursos governamentais: “a vida em primeiro lugar”. Mas, afinal, de qual vida está se falando? A mesma que impulsiona incalculáveis imigrantes afogados, que vitimiza crianças em guerras e que assassina negros e mulheres por tal definição? Não, a vida que precisa ser protegida a qualquer custo “[...] é a vida dos ‘nossos’, em todo caso” (MANRIQUE, 2020, p. 152, tradução nossa). Nesse sentido, a pandemia trouxe aos holofotes uma outra contradição, derivada daquela existente entre identidade e alteridade: a relação entre “imunidade” e “comunidade”.

As duas palavras compartilham a mesma raiz etimológica, *munus*, referenciando ao compartilhamento ou dispensa dos deveres e direitos da vida em comum. Com as descobertas científicas no campo da Saúde, a noção de imunidade migrou para o campo biomédico, mas continuou sendo construída a partir de critérios sociais e políticos “[...] que produzem alternativamente soberania ou exclusão, proteção ou estigma, vida ou morte” (PRECIADO, 2020, p. 167, tradução nossa). Nesse cenário, toda biopolítica passa a ser imunológica, presupondo a definição de uma comunidade e o estabelecimento de uma hierarquia que define os corpos imunes e os demunes, ou seja, os potencialmente perigosos.

Para Manrique (2020), a grande questão, evidenciada pelo coronavírus por sua dupla perspectiva biomédica e política, é que no decorrer do tempo a definição de comunidade foi sendo reduzida e transformada em totalidade identitária ou agregação individualista de imu-

nes, que faz desaparecer progressivamente toda a relação entre o sujeito – considerado agente econômico livre e subentendido masculino, branco, heterossexual e nacional – e o “restante”, ou seja, toda a alteridade – estigmatizada e pressuposta – que deve ser mantida de fora.

Isso ficou muito claro com a pandemia causada pela Covid-19, naquilo que Santos (2020) chamou de “sociologia das ausências”, referindo-se às inúmeras zonas de invisibilidade que se multiplicaram às sombras daquilo que ganhou visibilidade: como o fato de todos os médicos mortos infectados no mês de abril no Reino Unido serem imigrantes (RTP, 2020); cenário que se repete por quase toda a Europa e Estados Unidos, onde estes têm ocupado a maioria das atividades essenciais, embora tal classificação não se estenda a eles (CHARLEAUX, 2020); e que aparece na assustadora desproporção de negros e latinos vítimas do vírus nos Estados Unidos, onde se soma à falta de moradia adequada, à impossibilidade de acesso ao sistema de saúde, à ausência de auxílio financeiro e a outras desigualdades estruturais (SUDRÉ, 2020).

No Brasil, a construção estrutural ideológica do eu/outro aparece no fato das mulheres, dos negros e dos imigrantes serem os grupos sociais mais impactados pela pandemia, seja pela recessão econômica que os afeta diretamente enquanto maioria nos trabalhos domésticos e informais (SALATI, 2020) ou pela enorme dificuldade burocrática no acesso ao auxílio emergencial (DIAS, 2020). Muitos discursos amplamente divulgados escancararam, inclusive, a percepção de que o diferente não faz parte da mesma comunidade humana, representando apenas números ou peças que poderiam ser descartadas em nome da manutenção da engrenagem maior, a economia.

Todas essas situações deixam claro o quanto a desigualdade radical gerada pela tríade

patriarcado-colonialismo-capitalismo encontra meios de reprodução em estados de exceção pandêmicos, podendo resultar em fortalecimento ideológico e comunidades etnonacionalistas, construídas a partir da exclusividade racial e do recrudescimento do fechamento das fronteiras (BUTLER, 2020). Esse movimento marcou a primeira fase da pandemia, com a total interrupção da circulação de pessoas e a dupla xenofobia pela ideia do “vírus estrangeiro”. Não obstante, é preciso considerar que a soberania política dos estados nacionais – construída com base na fronteira física e na circulação incontrolada de bens e capitais – foi colocada em xeque pelas dimensões planetárias da Covid-19 (PRECIADO, 2020).

Assim, outro movimento também foi ganhando espaço, com o ressurgimento da noção de comunidade enquanto obrigação mútua e reciprocidade, acompanhado do questionamento cada vez maior quanto a capacidade das “mãos invisíveis” do mercado de sustentar a vida, convocando e reforçando a importância estatal em áreas cruciais como Saúde, Educação e Proteção Social (MANRIQUE, 2020). Para Zizek (2020), foi preciso uma catástrofe para que a sociedade repense suas estruturas naturalizadas, as diferenças se tornem insignificantes diante da empatia da sobrevivência e a ameaça planetária dê lugar à solidariedade global.

E muito se tem visto neste sentido, tanto entre singularidades – como os milhares de exemplos de doações e ações de suporte cotidiano –; entre comunidades – como o emblemático escudo humano de pessoas brancas protegendo pessoas negras da violência policial nos protestos estadunidenses contra o racismo (JUNIÃO, 2020) –; e, ainda, entre países – com a troca de informações e componentes importantes, além da aliança mundial para apoio a Organização Mundial da Saúde (OMS) e aceleração na produção de uma vacina (CRUZ, 2020).

Chama a atenção o fato de Habermas (1987) ter discutido sobre o esgotamento do impulso utópico da sociedade de construir uma vida coletiva melhor justamente diante da evidente limitação do regime de bem-estar social. Para o autor, um outro modelo utópico só seria possível a partir do estabelecimento de um novo equilíbrio entre o dinheiro, o poder e a solidariedade, no qual “[...] o poder de integração social da solidariedade deveria ser capaz de resistir às ‘forças’ dos outros dois recursos” (HABERMAS, 1987, p. 112).

Seria, então, essa onda de solidariedade global o estopim necessário para que emergja da sociedade um desejo de mudança? Uma transformação guiada por um novo viés da energia utópica, que pregue a liberdade e a igualdade para todos, em prol da universalização da vida digna? Retomando Ciampa (2003), considera-se que o pensamento histórico – que vem com a experiência do passado – deve ser sempre referenciado a partir do pensamento utópico – aquele que se projeta no futuro –, postulando a emancipação enquanto projeto ético a ser concretizado via projetos políticos individuais ou coletivos, que objetivem a eliminação ou a redução das “[...] condições que impedem ou dificultam a emancipação de desprivilegiados e excluídos” (p. 6).

A contribuição deste texto versa em pensar a pandemia como uma nova determinação sócio-histórica, que provocou uma série de mudanças nas metamorfoses humanas que vinham ocorrendo até então, abrindo novas possibilidades e impossibilidades que precisam ser consideradas. Os conceitos de identidade e alteridade foram atualizados, assim como o de imunidade e o de comunidade, trazendo contornos particulares importantes no que tange à temática da migração feminina.

Vale ressaltar que o fenômeno migratório, por si só, caracteriza-se como um processo contrastivo no qual esses paradoxos ganham

relevância, envolvendo a ruptura com um quadro de referência para a constituição de um novo. Nesse sentido, representa uma experiência brusca – assim como foi a chegada do vírus – das metamorfoses da metamorfose humana, uma vez que as condições históricas e sociais que circundam o indivíduo são alteradas rapidamente, ou seja, migra-se de um conjunto de determinações para outro, muitas vezes totalmente diferente (MIRANDA, 2017).

Dito isso, acredita-se que esse fenômeno pode trazer indicativos importantes quanto as contradições expressas pela pandemia, demonstrando que a utopia emancipatória sempre aparece como meta visada ou falta sentida no processo identitário dos sujeitos, caracterizando-se como um projeto alternativo de possibilidades de vida, construído em articulação as determinações do processo histórico.

Pensamento histórico e pensamento utópico: narrativas em análise

A história de Andrea

Andrea tem 53 anos, é natural de Lima, no Peru, casada e sem filhos. Veio para o Brasil com 18 anos por razões de segurança e deixa claro que a escolha pela saída do país, assim como a opção pelo Brasil, foram decisões heterônomas de sua mãe e irmão. Não obstante, descreve que sempre se sentiu “estrangeira e estranha” em seu país, por não compactuar com as políticas identitárias regulatórias de seu meio social, e sabia que ali não era o seu lugar.

Eu já me sentia estranha naquele núcleo, aquele núcleo social que eu vivia, com as questões sociais que eram questões que não me tocavam, com a questão da desigualdade social que me tocava e que no ambiente que eu vivia não era valorizado, pelo contrário, era um exercício de poder e subjugação contra as pessoas mais po-

bres. Então assim, eu sempre fui a pessoa que não se encaixava e o meio social que eu habitava, de certa forma, deixava claro que eu era o incômodo, ou eu me acomodava aos modelos deles ou sempre seria um estorvo naquele lugar, né? Então eu cresci com isso e aí eu fui me consolidando nesse lugar que hoje não me incomoda, tanto!

Andrea foi socializada em um meio que reproduzia a valorização do poder e do dinheiro, definindo a comunidade a partir de uma totalidade identitária individualista que pressupunha a dominação e a exclusão do diferente. Como não se identificava com esses modelos de comportamento, apoiava-se no pai e na avó materna enquanto figuras significativas que alimentavam a sua independência e possibilidades de ser, embora isso significasse ser reconhecida e estigmatizada pelo grupo social como o “incômodo” que não está nem dentro nem fora. Na adolescência, encontrou em um projeto social coletivo as bases de sustentação para seguir buscando sua autonomia – a utopia emancipatória era ainda uma falta sentida, que ela não sabia ao certo como objetivar. Nesse cenário, a migração, apesar de todas as dificuldades, aparece descrita como uma experiência “libertadora”.

Pra mim como sendo estrangeira e estranha àquele ninho todo que eu nasci, chegar aqui com uma página em branco foi libertador, totalmente libertador! Foi mais pobre, não ter infraestrutura, não ter carro, ter que contar os centavos para comer que era o que nós tínhamos, não tínhamos quase nada, foi ótimo! [...] Falei ‘que bom que eu tenho a oportunidade de criar uma vida diferente’.

Diante das novas determinações exteriores, Andrea tinha novas possibilidades identitárias – as metamorfoses vivenciadas até então estavam se metamorfoseando e finalmente sua utopia emancipatória se configurava como meta visada. No Brasil, utilizou-se dos projetos governamentais para conseguir

uma bolsa de estudo com a qual concluiu sua graduação e o seu primeiro estágio, que a inseriu definitivamente no mercado de trabalho. Sentia preconceito por ser imigrante, mas descreve que usava essa diferença a seu favor, seja para marcar a sua presença, seja como estímulo para buscar o reconhecimento de sua capacidade profissional. Para sair da informalidade, se tornou uma empreendedora e construiu uma carreira sólida.

Então assim eu tenho uma carreira muito... eu fui muito cara de pau, eu me envolvia, me dedicava, estudava, eu me relacionava bem, então em pouco tempo eu passei por milhões de áreas porque eu não tinha certeza o que eu queria, mas quando eu me formei com vinte e um anos, eu já era gerente de uma agência, então assim já ganhava relativamente bem e já tinha o nome conhecido. Porque aí, [...] eu era muito distinta daquele estereótipo, mas como eu me sabia estranha, isso durante uma fase da minha vida me deu muita raiva, então essa raiva me fez crescer, sem problema nenhum, hoje eu vejo essa raiva positivamente, mas eu tinha uma coisa de agredir a sociedade, justamente porque me irritava aquele status quo, mas sem dúvida ela me levou pra frente.

Apesar de conseguir rapidamente se inserir na sociedade de destino, a sua estranheza permanecia, juntamente com a raiva de perceber que também não se encaixava nos modelos identitários da nova comunidade, então precisava construir os próprios e fazê-los reconhecidos – se sabia singular, desde o princípio. O que agora aparece nomeado como “raiva” e “irritação com o status quo” é a mesma indignação presente desde a sua adolescência no Peru, expressa na recusa em aceitar situações degradantes e estigmatizações que limitam as possibilidades de ser dos indivíduos, movendo-se para escolhas mais autônomas e humanizantes.

Após 35 anos no Brasil, Andrea não se naturalizou, embora tenha a pretensão de fazê-lo

unicamente por uma facilidade burocrática: o passaporte brasileiro lhe traz mais possibilidades enquanto cidadã do mundo. Esse é o benefício de viver no limbo de não se encaixar: poder pertencer à comunidade humana e suas infinitas possibilidades.

Eu não sou daqui e nunca vou ser, amo esse país, é minha casa, mas não é meu lugar de nascimento, e o Peru já deixou de ser. [...] Eu acho que eu vivo num limbo ainda, e um limbo que não me incomoda, eu estou em paz com ele. Aliás, me dá uma sensação de benefício, [...] me traz uma possibilidade de migração eterna e eu gosto disso!

Descreve que a pandemia tornou uma nova migração um projeto de vida presente e viável, dessa vez para a Europa, onde residem seus enteados. No seu caso, a Covid-19 trouxe de volta a liberdade de perceber que muitas “necessidades” são produzidas pelo sistema capitalista, que a terceirização do cuidado e do autocuidado não é uma necessidade real do ser humano, e que é possível manter os laços emocionais e profissionais criados via meios digitais.

Essa pandemia tem sido ótima, porque você não precisa de empregada, [...] não precisa disso, não precisa daquilo, você vê que não precisa de um monte de coisas, né? [...] A gente se vira, a pandemia mostrou que eu consigo [...], até então eu dizia ‘estou ficando velha, não vou me adaptar’ [...], mas a pandemia mostrou que a gente não precisa. Interessante isso.

Todavia, descreve a preocupação inevitável que o vírus provoca, assim como as inúmeras mudanças cotidianas advindas com a quarentena e os impactos nos projetos a curto prazo, exigindo adaptações e o uso das reservas financeiras – necessidade que Andrea encara sem maiores resistências, entendendo que novas determinações exigem novas personagens.

Na rotina estou com mais trabalho... está puxado porque tem mais trabalho e tensão, queira ou não temos que ficar mais atentos [...]. É can-

sativo? Claro que sim, mas também não sou do tipo de me queixar, [...] drama é estar sem emprego, doente e sem leito. O resto é fchinha, não é mesmo? Agora a tecnologia é difícil, assim, lidar com isso de fato, uma hora é um app para falar, outra hora é outro, aí não liga a câmera, aí não sai a voz... a nossa geração ‘+50’ sofre. [...] De uma forma geral, provavelmente por eu ter uma visão espiritualista da vida, entendi que era algo maior e que deveríamos fluir por esse momento. Então eu criei menos resistência e me foquei em tentar ver como me adequar, como lidar melhor com tudo, como promover coisas que possam nos manter ativos [...], mas fazer isso com um respaldo é confortável, eu sei.

A narradora faz questão de destacar o reconhecimento do seu atual lugar de privilégio e o quanto a temática da desigualdade lhe entristece, sobretudo no que tange à proporção que ela tem tomado e o seu sentimento de impotência frente a isso, pois ainda que apoie financeira e cotidianamente uma série de pessoas, “somos um grão no meio de um mar”. Entretanto, ressalta que enxerga a pandemia como uma oportunidade de reflexão e revisão de valores, “de fazer um reset em todo o sistema do mundo”, uma vez que ela tem escancarado os valores necropolíticos que sustentam a nossa sociedade e a grande maioria insistia em não reconhecer.

Penso que tudo que está havendo agora é uma oportunidade grande. A pobreza e suas consequências estão na cara... a desigualdade social está sendo falada todo dia e mostrada suas consequências. Tudo isso vindo à luz de forma tão clara irá trazer maior consciência em boa parte da população. [...] Por esse lado, tenho otimismo. Por outro lado, a pobreza pode trazer mais violência e brutalidade... o desemprego... a nossa sociedade foi construída em cima do lucro e do dinheiro... uma herança nefasta do capitalismo [...] e agora chegamos a um ponto de inflexão que nos obriga a agir... às vezes, precisamos desse limite para acordar. E quero poder agir mais nesse aspecto, influenciando pessoas sobre a questão social e a desigualdade... esse é um desejo real!

Andrea utiliza a história – singular e coletiva – como referência, sem se deixar levar para um utopismo idealizante ou um ceticismo imobilizante. Nessa acepção, a pandemia aparece como uma nova determinação social e histórica, que trouxe a necessidade de reinvenções e adaptações, mas também a possibilidade da confrontação com o naturalizado e a proposição de novas metamorfoses. Para tanto, mantém sua energia utópica e segue lutando por um projeto político emancipatório, tanto pessoal – quando constrói possibilidades mais autônomas e autênticas de ser –, como coletivo – quando se recusa a compactuar com a opressão e a exclusão e mantém-se ativa em projetos éticos que visem uma vida humana digna para todos.

A história de Amanda

Amanda tem 23 anos, é natural de Santa Catarina (BR), casada, mãe de duas meninas pequenas. A política identitária baseada no progresso por meio da emigração, central em sua cidade, colaborou para que desde cedo construísse o desejo de morar fora do Brasil. Esse fato, aliado a dificuldades econômicas, levou à decisão de vender os bens e emigrar com a família. O primeiro destino foi a Itália, para obter a cidadania italiana. Após três meses, em posse dos documentos, partiram para Londres, o destino sonhado.

Como recém cidadã europeia, a intenção era residir nessa cidade, porém o reconhecimento legal não garantia seu pertencimento à comunidade – marcada pela totalidade identitária – e não constituiria segurança para permanecer. Em pouco tempo, Amanda percebeu sua nova condição: devido ao cuidado com as filhas e o alto preço da creche não pôde trabalhar. Seu marido passou a ser o único com uma atividade remunerada, por um motivo não ponderado: os homens ganham mais do que as mulheres. Nasceram assim as determinações

pelas quais nossa narradora estaria enredada.

Então a gente ficava num quarto e nesse quarto a gente pagava 860 libras por mês, então daí com duas crianças, eu não podia trabalhar, aí não deu certo e acabou que 8 meses depois a gente resolveu voltar para o Brasil, vamos dizer assim, dar um passo atrás pra ver se começava a dar certo, entendeu?

A tentativa frustrada de viver em Londres e a percepção das dificuldades de se iniciar a vida em outro país com crianças pequenas fizeram com que ela desse o “passo atrás”, para que as filhas ficassem em segurança com a sogra, e ela, junto com o marido, pudessem retornar à Europa afim de recuperar os gastos. Surgiu assim a Alemanha como possibilidade de trabalhar por temporadas em sorveterias. Destino comum de muitos jovens de sua região³, foi entendido como meio de retorno financeiro rápido e chance de rever as filhas uma vez ao ano.

O plano de trabalhar na Alemanha foi formulado com duas possibilidades: fazer temporadas na sorveteria, indo e vindo ao Brasil uma vez ao ano e investir em um imóvel, ou trabalhar uma temporada de um ano e meio, organizando condições para residirem nesse país e trazer as meninas. A Alemanha aparece como perspectiva viável de alcance da utopia de sair do Brasil, pela suposta estabilidade que o trabalho em sorveterias oferece. No entanto, Amanda viu seus planos novamente interrompidos. Dessa vez, o motivo foi a Covid-19.

Agora com esse Covid a gente se complicou um pouco né, porque eu vendi tudo o que eu tinha no Brasil pra vir fazer a cidadania e então a partir do momento que a gente chegou aqui e começou a dar errado só gerou dívidas, entendeu? Então agora a primeira temporada na sorveteria, metade da primeira temporada seria pra pagar contas, da outra metade da tempora-

3 A cidade de Amanda possui uma política identitária que estimula a emigração de jovens para trabalhar em sorveterias na Alemanha (PORTUGUEIS, 2018).

da pra frente seria onde a gente começaria do ponto zero e daí agora por causa do coronavírus, isso vai atrasar a gente em uns dois meses e senão mais né, vai depender de quando voltar ao normal.

Esse adiamento de planos gera uma crise não prevista de difícil manejo. Deixar as filhas no Brasil por tempo indeterminado, sem saber sobre a continuidade de seu trabalho, bem como a indefinição sobre conseguir viver fora do Brasil, promovem grande sofrimento, que leva Amanda a refletir sobre suas escolhas.

Ah é bem complicado, a gente acha que vai ser complicado, mas não imagina o quanto, eu imaginava o sofrimento delas, que seria difícil, porque elas nunca ficaram longe de mim nem uma semana, e a minha pequeninha tem dois aninhos agora, então ela é pequeninha ainda e pra ela simplesmente ela acordou e eu não tava mais lá, entende? Já a mais velha entende um pouco. Ela teve, por esse processo da gente sair do Brasil, ir pra Itália, ir pra Londres, retornar, ela teve que crescer muito rápido, sabe? Ela perdeu um pouco esse negócio de ser criança [...]. É muito triste, é muito decepcionante não conseguir o que eu queria, porque o que eu queria jamais era ficar longe delas, a minha intenção era vir morar fora e já não deixei elas pra depois voltar e buscar por esse motivo. [...] Elas não tinham opção de escolha. Eu tinha, eu escolhi por elas e elas sofreram.

[...] Quando eu ligo pra minha menina, tudo o que ela fala é mãe eu não vejo a hora desse coronavírus passar pra eu poder te abraçar, eu não vejo a hora, mãe eu não aguento mais, eu quero ir morar com você. Nessas horas te bate o desespero, sabe? Te bate um desespero tão grande que daí tu começa a repensar tudo. Será que valeu mesmo à pena? Eu ter vendido tudo, elas tão pequeninha? Será que não devia ter esperado mais, não seria mais fácil?

Refletindo sobre sua condição, nossa interlocutora fala sobre a motivação para emigrar como meio de proporcionar melhores condições de vida a suas filhas, o que justifica contando sobre sua situação anterior à viagem.

Na minha cidade a gente tinha a nossa casa financiada, né, mas era nossa casa, mas a gente passou bastante dificuldade ali. A gente teve mês de ficar sem gás, de o mês inteiro ter que cozinhar numa panela elétrica, teve mês de ficar realmente sem dinheiro, de quase perder a casa e não foi isso que eu sonhei pras minhas filhas e então quando eu decidi vender tudo, dar as costas pra tudo, como todo mundo fala né, que quem ficou contra dizia que 'ah não, vocês tão virando as costas pra tudo', mas não, o meu objetivo era o futuro delas.

As dificuldades encontradas na Alemanha em razão do coronavírus e o sofrimento em permanecer longe das filhas fazem com que o retorno antecipado ao Brasil seja considerado. Entretanto, Amanda mantém firme o propósito de emigrar novamente quando as filhas forem maiores. Outro ponto que considera importante é o fato de ter feito os documentos como meio de assegurar o futuro destas, validando assim o investimento e sacrifício feitos pelo que entende ser “uma vida melhor”. Amanda demonstra grande dificuldade em mudar seus planos, mantendo-se atrelada à política identitária de sua cidade, e a construção utópica da vida melhor no exterior a mantém em uma condição de liminaridade⁴.

Porque, por mais que tenha dado errado da gente morar fora, por mais que eu volte a morar no Brasil, quando elas for maior, quando elas crescerem e elas quiserem ir embora do Brasil, ou estudar fora, elas tenham essa possibilidade e que não precisem gastar o que eu gastei, que não foi pouco. Elas vão ter essa facilidade, elas têm uma oportunidade melhor de vida [...] e vai depender delas daí, delas quererem.

Atualmente, Amanda aguarda que as sorveterias possam reabrir e, mesmo quando isso acontecer, o retorno financeiro é incerto, ao menos na velocidade que esperava. Tal incerteza e a condição de permanecer por tempo

⁴ Permanência entre estados ou condições de vida que não se definem.

indefinido longe das filhas a fazem pensar sobre sua escolha.

Eu sinto por não ter pensado mais, não ter feito talvez mais pra frente, que elas sendo maior, seria diferente, as duas iriam pra escola, eu conseguiria trabalhar. Então eu acho que seria outro ponto de vista, seria melhor, talvez teria, teria dado certo. Mas também não me arrependo da escolha que eu fiz, eu fiz pensando nelas e meu objetivo, que era a cidadania, pra elas ter um futuro melhor, eu consegui.

Seu relato nos revela que os problemas ocasionados pelo coronavírus vão muito além da pausa forçada ou da indecisão sobre quantas temporadas trabalhará na Alemanha. A narrativa de Amanda dá luz aos dramas da personagem mãe e das perspectivas que não tem no Brasil.

Olha eu vou te dizer que minha cabeça agora nesse momento tá totalmente confusa, porque não é só o problema do corona, não é só o problema de agora. São problemas pessoais junto, sabe? E tudo vai implicar nessa decisão. Então eu não tenho a menor ideia do que eu vou fazer no futuro. A única certeza que eu tenho é que vir trabalhar temporadas na Alemanha sem as minhas filhas não é uma hipótese, não mais. Pelo menos não agora enquanto elas são tão pequenas. [...] Eu não tenho um plano pra te dizer. E quando eu decidir sair do Brasil de novo, daí vai dar problema, tipo assim, vou escutar bastante desaforo [...]. Vai doer, vai ser triste, mas é pro futuro delas, elas podem achar ruim agora, porque são pequenas, porque vai ficar longe de todo mundo, mas quando elas crescerem, eu espero que elas entendam. Assim a intenção é morar fora do Brasil, porque, como antes, eu sei que eu não vou ter condições de dar um futuro pra elas lá e tá cada vez pior né? Viver no Brasil é caro, muito caro, então eu realmente não tenho condições.

Amanda vive alguns dilemas ao mesmo tempo, que desvelam a precariedade característica da construção neoliberal do “ter” em detrimento do “ser”. Reside na sorveteria, mas não sabe até quando, pois a reabertura

e a manutenção de todos os funcionários são incertas. Nesse local, pode viver e se alimentar gratuitamente, mas não há garantias por quanto tempo tal condição se manterá. Por não ser registrada, não recebe auxílio do governo, tampouco salário, por não estar trabalhando. O pouco dinheiro que ganhou antes do fechamento do comércio foi enviado para a sogra, que cuida de suas filhas. Amanda não tem recursos para a passagem aérea, em caso de necessidade de retorno ao Brasil, também não sabe se haverá voos, em razão da pandemia. Ela pensa em buscar trabalho em outras sorveterias. Sabe, entretanto, que por ser nova nessa função, as chances de indicação são baixas, além da concorrência, uma vez que muitos sorveteiros brasileiros se encontram na mesma situação.

Outro ponto importante versa sobre a mudança que a alteração de planos trouxe em seu relacionamento com o marido. Além da dinâmica e comunicação entre o casal já não mais funcionarem como antes da decisão de emigrar, agora os planos não caminham na mesma direção. Amanda tem vontade de retornar ao Brasil e aguardar que as filhas cresçam para então retomar a vida no exterior. Seu marido pensa em trabalhar anualmente em temporadas nas sorveterias alemãs, indo e voltando ao Brasil. Amanda ficaria sozinha com as filhas no Brasil e não acredita que seu casamento possa seguir dessa forma.

Quando eu tiver uma oportunidade de poder voltar a morar fora eu vou voltar, pode ser que demore um pouco [...]. A qualidade de vida, a saúde, né, é muito melhor aqui fora. Eu sei que qualquer coisa que eu precisar pra elas aqui fora de saúde eu consigo e já no Brasil eu não sei se eu consigo.

O conflito que se apresenta é complexo e multifacetado. Amanda se vê sozinha, culpada por uma decisão que não sabe ter sido adequada, perdida em uma situação de saúde pú-

blica que foge a seu controle e está endividada, tendo também perdido os bens adquiridos no Brasil. Junto a tantas incertezas, lida com um drama: estar separada das filhas por opção sua. Ainda assim, o que a mantém é o desejo de um dia começar tudo de novo. Uma vez que o projeto de vida de Amanda se constituiu baseado em uma política identitária de sucesso atrelado ao trabalho no exterior, é possível supor que sua utopia não visa a emancipação, mas reproduz a ordem sistêmica, apresentando dificuldades de metamorfoses não atreladas ao projeto inicial.

Considerações finais

Pautado na concepção crítica que concebe a singularidade do indivíduo enquanto manifestação complexa e multideterminada de uma totalidade histórico-social, ambos em constante metamorfose, este artigo buscou compreender as particularidades objetivas que definem o encontro com a alteridade em um contexto de desigualdade radical provocado pela tríade patriarcado-colonialismo-capitalismo, analisando os desvelamentos e as transformações suscitadas pela Covid-19. Para tanto, considerou-se o fenômeno da migração feminina um relevante indicativo quanto as contradições expressas pela pandemia e seus atravessamentos nas possibilidades e impossibilidades singulares.

Nesse sentido, aponta-se o quanto a experiência migratória maximiza as metamorfoses da metamorfose humana e se configura como uma situação ambivalente, podendo conduzir tanto a paralização – em uma tentativa de reposição das antigas personagens que não mais se enquadram à nova conjuntura – quanto resultar em crescimento do Eu – ao propiciar a interrupção da reposição cotidiana irreflexiva, a apropriação mais crítica das determinações exteriores e a busca pela transformação destas

em autodeterminação (MIRANDA, 2017). Essa lógica também ajuda compreender a contradição presente na particularidade pandêmica e na singularidade das entrevistadas, enfatizando que as questões que orientam uma prática política precisam considerar a dialética entre pensamento histórico e pensamento utópico, enquanto projeto alternativo de vida construído em articulação as determinações objetivas.

Andrea foi socializada em um meio cuja política identitária pressupunha a opressão e a exclusão do diferente, com a qual ela não se identificava. Assim, a migração, embora imposta, trouxe novas possibilidades identitárias, que foram construídas com maior autonomia. Essa vivência foi acentuada por sua não adequação – e conseqüente não integração – à totalidade identitária imposta pelas respectivas comunidades, tanto peruana quanto brasileira. Definida como um incômodo, aprendeu a se liberar das amarras de pertencer a um ou outro lugar, o que lhe permite pertencer à comunidade humana enquanto cidadã do mundo. Esse sentimento de cidadania universal aparece tanto na definição de um autêntico projeto de vida baseado em uma nova migração, enquanto caminho para continuar o seu desenvolvimento pessoal, como também em sua preocupação com o macro, materializado na energia utópica de não se conformar com a degradação do outro e buscar uma transformação para si e para o mundo.

Andrea articula pensamento histórico e pensamento utópico, para encarar a pandemia como uma nova determinação objetiva, que metamorfoseia as metamorfoses vividas até então, propiciando – assim como a migração – o desvelamento das determinações exteriores naturalizadas. Tais transformações, ao mesmo tempo que exigem novas personagens, também possibilitam uma maior consciência crítica rumo à autodeterminação, podendo ser uma oportunidade ímpar de mudar o estabe-

lecido para encontrar – ou criar – novas possibilidades identitárias singulares e coletivas, que embasem uma vida digna para todos.

Amanda, por sua vez, foi socializada em um meio regulado por uma política identitária baseada no progresso por meio da emigração e, devidamente integrada a essa comunidade totalitária, passou a construir seu projeto de vida de modo não autêntico, considerando “sair do país” como única possibilidade de obter o sucesso e lidar com as dificuldades financeiras enfrentadas. Essa construção fez com que vivenciasse de maneira brusca e maximizada as metamorfoses das metamorfoses nos destinos migratórios, pois as novas determinações exteriores não apenas rompiam com seu quadro de referência como também contradiziam seu projeto utópico de viver na Europa integrada como cidadã europeia com suas filhas.

No seu caso, o confronto com o desconhecido vivenciado tanto na experiência migratória quanto na pandemia provocou paralização, com a conseqüente dificuldade de vivenciar metamorfoses não atreladas ao projeto utópico inicial, pois este visa a reprodução da ordem sistêmica e, para além da falta sentida, tem um fim em si mesmo – ganhar dinheiro –, não buscando a emancipação tal qual. Importante ressaltar o drama da personagem “mãe” e o quanto isso influencia em sua trajetória, seja nas dificuldades enfrentadas com o cuidado das filhas em Londres, no sofrimento gerado pela separação destas e as conseqüentes inseguranças e dúvidas quanto ao retorno, ou ainda nos sentidos atribuídos a sua escolha pela emigração, considerada o único meio de garantir uma vida melhor para as filhas. As duas particularidades mantêm Amanda presa em uma condição de liminaridade, de estar lá e cá, sem pertencer a lugar algum e sem saber para onde seguir no mundo “pós-pandemia”.

Longe de esgotar as infinitas possibilidades que surgem no confronto com a particularidade cotidiana, as singularidades aqui apresentadas assinalam o quanto a pandemia pode gerar um movimento de mesmice e reforçar o individualismo ou gerar uma apropriação crítica que possibilite a superação das condições impostas, reforçando a coletividade. A contradição se faz presente também nas configurações macro, assinalando que a atualização das categorias identidade/alteridade e imunidade/comunidade pode vir acompanhada por novos domínios da tríade patriarcado-colonialismo-capitalismo, reproduzindo o sistema necropolítico que define o outro como sub-humano, ou ganhar força na onda de solidariedade instaurada, estabelecendo um novo modelo utópico a partir do equilíbrio desta com os poderes burocrático e financeiro.

Assim, este texto não tem a pretensão de oferecer respostas, mas sim contribuir para orientar as perguntas, para que não se contemple inerte a história, nem tampouco reduza a autenticidade das circunstâncias atuais à mesmice do já conhecido, confrontando e problematizando o real para apreender os movimentos possíveis. Reforçando que não há inevitabilidade na História, nem regulatória nem emancipatória, corrobora-se com Zizek (2020) quando este defende a possibilidade de que, junto com o coronavírus, outro vírus ideológico mais benéfico se propague, difundindo o pensamento – e a conseqüente construção coletiva – de uma sociedade que supere o modelo Estado-nação e se atualize no formato da cooperação global. Um projeto utópico de comunidade universal, tal qual defendido por Mbembe (2014), que integre identidade e alteridade e onde todos sejam considerados imunes, de modo que a luta pelo reconhecimento da diferença não mais substitua o desejo de ser incluído enquanto igual, pertencente a uma mesma humanidade.

Referências

- ANTUNES, Mariana Serafim Xavier. A compreensão do sintagma identidade-metamorfose-emancipação por intermédio das narrativas de história de vida: uma discussão sobre o método. *In*: LIMA, Alúcio Ferreira (Org.). **Psicologia Social Crítica**: paraxes do contemporâneo. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012. p. 67-84.
- BILBAO, Bárbara. Nuevo Hábitat. *In*: AMADEO, Pablo (Ed.). **La Fiebre**: pensamiento contemporâneo en tiempos de pandemia. Buenos Aires: ASPO, 2020. p. 187-198.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus**: sintomas. 08/04/2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/sintomas>. Acesso em: 17 ago. 2021.
- BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. *In*: AMADEO, Pablo (Ed.). **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporâneo en tiempos de pandemia. Buenos Aires: ASPO, 2020. p. 59-66.
- CHARLEAUX, João Paulo. Covid-19: os imigrantes na linha de frente na Europa e nos EUA. **Nexo Jornal** [on-line], Paris, 31/05/2020, Expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/31/Covid-19-os-imigrantes-na-linha-de-frente-na-Europa-e-nos-EUA>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
- CIAMPA, Antonio da Costa. **Identidade humana e as metamorfoses das metamorfoses**. *In*: Encontro Nacional da ABRAPSO, IX, 1997, Belo Horizonte, Simpósio “Metamorfoses da Identidade no mundo contemporâneo”. (mimeo) p. 1.
- CIAMPA, Antonio da Costa. A identidade social como metamorfose humana em busca da emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico. **Anais...** Congresso Interamericano da Sociedade Interamericana de Psicologia, XXIX, jul. 2003, Lima, Texto de Conferência. (mimeo) p. 1-15.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Fundamentalismo: a recusa do fundamental. *In*: PINTO, Elisabete Aparecida; ALMEIDA, Ivan Antônio (Orgs.). **Religiões – Tolerância e Igualdade no Espaço da Diversidade**. São Paulo: Fala Preta! Organização de Mulheres Negras, 2004. p. 393-397.
- CINTRA, Natalia; GRUGEL, Jean; RIGGIROZZI, Pia. A Covid-19 ameaça a saúde e os direitos de mulheres e meninas migrantes na América-Latina. **Open Democracy**: Free thinking for the world, 15/04/2020, Investigação. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/pt/democraciaabierta-pt/covid-19-saude-direitos-mulheres-migrantes-america-latina/>. Acesso em: 16 maio 2020.
- CRUZ, Isabela. A busca global por uma vacina contra a covid-19. Sem o Brasil. **Nexo Jornal** [on-line], 05/05/2020, Expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/05/A-busca-global-por-uma-vacina-contra-a-covid-19.-Sem-o-Brasil>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- DIAS, Guilherme Soares. ‘Fiquei 3 dias comendo pão com água’: o drama dos migrantes africanos que não conseguem receber o auxílio do governo. **Repórter Brasil** [on-line], 19/05/2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/05/fiquei-3-dias-comendo-pao-com-agua-o-drama-dos-migrantes-africanos-que-nao-conseguem-receber-o-auxilio-do-governo/>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- HABERMAS, Juergen. A nova intransparência: a crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. Trad. Carlos Alberto Marques Novaes. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 2, n. 18, p. 103-114, set. 1987. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/produto/edicao-18/>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- JUNIÃO, Antônio. No Brasil, brancos não participam da luta antirracista, diz pesquisadora. **Brasil de Direitos**: Ponte Jornalismo, 05/06/2020, Atualidades. Disponível em: <https://www.brasildedireitos.org.br/noticias/604-no-brasil-brancos-no-participam-da-luta-antirracista-diz-pesquisadora>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- LANE, Silvia Tatiana Maurer. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia.

In: LANE, Sílvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 40-47.

LIMA, Aluísio Ferreira; CIAMPA, Antonio da Costa. "Sem pedras o arco não existe": o lugar da narrativa no estudo crítico da identidade. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, e171330, p. 1-10, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100407-&lng=en&nrmiso. Acesso em: 15 maio 2020.

LUSI, Carmem; MARINUCI, Roberto. **Vulnerabilidade social em contexto migratório**. Centro Scabriano de Estudos Migratórios, 2007. Disponível em: https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2018/08/vulnerabilidades_dos_migrantes.pdf. Acesso em: 16 maio 2020.

MANRIQUE, Patricia. Hospitalidad e inmunidad virtuosa. In: AMADEO, Pablo (Ed.). **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia**. Buenos Aires: ASPO, 2020. p. 145-162.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MIRANDA, Suelen Cristina de. **A imigração haitiana para o Brasil: um olhar a partir do sintagma identidade-metamorfose-emancipação**. 2017. 176 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Caroline. Menos renda, mais violência: mulheres estão entre os mais afetados pela pandemia. **Brasil de Fato** [on-line], São Paulo, 06/04/2020, Direitos Humanos – Gênero. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/06/menos-renda-mais-violencia-mulheres-estao-entre-os-mais-afetados-pela-pandemia>. Acesso em: 16 maio 2020.

PORTUGUEIS, Diane. **Vidas em trânsito: ascensão**

financeira e o enredo identitário que aprisiona na condição liminar. Sorveteiros ítalo-brasileiros entre Itália, Alemanha e Brasil como (não) lugares. 2018. 327 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

PRECIADO, Paul Beatriz. Aprendiendo del vírus. In: AMADEO, Pablo (Ed.). **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia**. Buenos Aires: ASPO, 2020. p. 163-185.

RTP. Reino Unido: por que são imigrantes todos os médicos mortos de coronavírus? **RTP Notícias** [on-line], 08/04/2020, Mundo. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/reino-unido-por-que-sao-imigrantes-todos-os-medicos-mortos-de-coronavirus_n1219398. Acesso em: 23 jun. 2020.

SALATI, Paula. Recessão gerada pela pandemia impacta mais mulheres e negros no mercado de trabalho. **G1** [on-line], 30/05/2020, Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/05/30/recessao-gerada-por-pandemia-impacta-mais-mulheres-e-negros-no-mercado-de-trabalho.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SUDRÉ, Lu. Empregos precários tornam negros e latinos mais vulneráveis à Covid-19 nos EUA. **Brasil de Fato** [on-line], São Paulo, 22/04/2020, Internacional – Pandemia. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/22/empregos-precarios-tornam-negros-e-latinos-mais-vulneraveis-a-covid-19-nos-eua>. Acesso em: 23 jun. 2020.

ZIZEK, Slavoj. El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill... In: AMADEO, Pablo (Ed.). **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia**. Buenos Aires: ASPO, 2020. p. 21-28.

Recebido em: 30/07/2020

Aprovado em: 30/03/2021

Suélen Cristina de Miranda é doutoranda e mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (Nepim), vinculado ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Identidade Humana do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *E-mail:* suca_miranda@hotmail.com

Diane Portugueis é pós-doutoranda, doutora e mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (Nepim), vinculado ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Identidade Humana do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *E-mail:* dportugueis@gmail.com